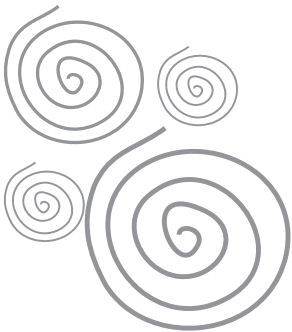
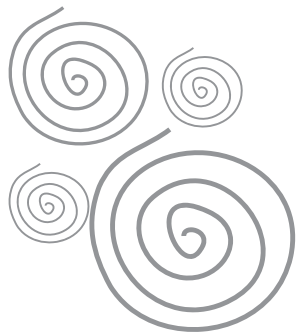


A HISTÓRIA DE
Sojourner
TRUTH,
a escrava do Norte



por OLIVE GILBERT



A HISTÓRIA DE
Sojourner
TRUTH,
a escrava do Norte

Escrita por Olive Gilbert,
baseada nas informações dadas por Sojourner Truth.

Tradução: Carla Matos



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The narrative of Sojourner Truth

Revisão
Karine Ribeiro

Texto
Olive Gilbert (narrado por Sojourner Truth)

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
Carla Matos

Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora

Preparação
Valquíria Della Pozza

Imagem
Sunny Whale/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T874h Truth, Sojourner

A história de Sojourner Truth, a escrava do Norte / Sojourner Truth .
traduzido por Carla Matos. - Jandira, SP : Principis, 2020.
128 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: The narrative of Sojourner Truth
ISBN: 978-65-5552-214-3

1. Literatura americana. I. Matos, Carla. II. Título. III. Série.

2020-2693

CDD 810
CDU 821.111(73)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana 810
2. Literatura americana 821.111(73)

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

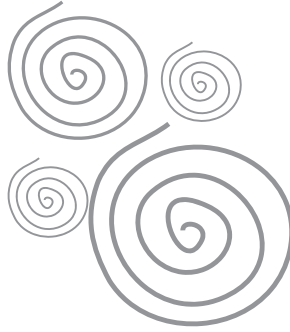
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Seu nascimento e ascendência.....	7
Acomodações.....	9
Seus irmãos e irmãs.....	11
Sua educação religiosa	13
O leilão.....	15
A morte de Mau-Mau Bett.....	17
Os últimos dias de Bomefree	19
A morte de Bomefree.....	22
Início do aprendizado de Isabella sobre a vida.....	24
O aprendizado continua	26
A permanência com seu novo dono e dona.....	28
O casamento de Isabella	34
A mãe Isabella.....	36
As promessas do senhor de escravos	38
Sua fuga.....	41
A venda ilegal de seu filho.....	44
A noite fica mais escura logo antes do amanhecer	47
A morte da senhora Eliza Fowler	56
A experiência religiosa de Isabella	60
Novos aprendizados	73
Descobrimo um irmão e uma irmã	79

Rabiscos	82
A ilusão de Matthias.....	88
Jejum	96
O motivo de sua saída da cidade	98
As consequências da recusa em hospedar uma viajante	103
Algumas de suas visões e ideias.....	107
As segundas doutrinas do advento	110
Outro acampamento	115
Última entrevista com seu dono.....	124
Atestados de caráter	126



Seu nascimento e ascendência

A personagem desta biografia, SOJOURNER TRUTH, como agora se faz chamar, cujo nome, originalmente era Isabella, nasceu, de acordo com ela, entre os anos 1797 e 1800. Ela é filha de James e Betsey, escravos de um tal coronel Ardinburgh, em Hurley, no Condado de Ulster, em Nova Iorque.

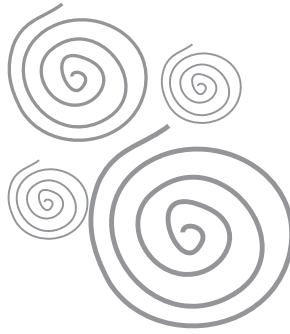
O Coronel Ardinburgh pertenceu à classe conhecida como Holanda Baixa.

Sobre o seu primeiro dono ela não sabe nada, já que devia ser muito pequena quando ele morreu; e ela, junto com seus pais e uns dez ou doze outros escravos, se tornou propriedade legal do filho dele, Charles Ardinburgh. Sojourner lembra-se bem de ouvir os seus pais dizerem que eles haviam tido sorte, porque o senhor Charles era o melhor da família, sendo, em termos comparativos, um senhor gentil com seus escravos.

James e Betsey, por serem leais, dóceis e respeitosos, receberam um tratamento especial: ganharam, entre outros favores, um lote de terra localizado atrás de uma encosta, onde, no final da tarde e aos domingos,

por OLIVE GILBERT

cuidavam da pequena plantação de tabaco, milho e linho, que costumavam trocar por comida ou roupa para eles e para as crianças. Soujorner não se lembra de os pais terem a tarde de sábado livre, como era hábito nos Estados do Sul.

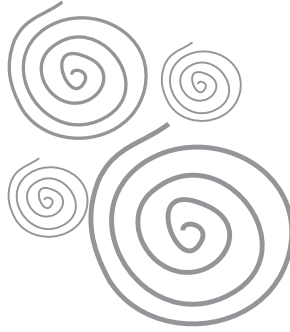


Acomodações

Entre as primeiras lembranças de Isabella está a mudança de seu dono, Charles Ardinburgh, para a nova casa, que ele havia construído para ser um hotel, logo após a morte do pai. Um porão, embaixo desse hotel, havia sido designado como senzala aos seus escravos. Todos dormiam no mesmo lugar, como era costume durante a escravidão. Ela se recorda muito bem daquele quarto escuro; a única luz que entrava ali vinha de alguns painéis de vidro, onde o Sol refletia uma luz três vezes por dia, e do espaço entre as tábuas soltas do chão, com a terra acidentada embaixo delas, que normalmente se enchia de lama. Tanto os respingos quanto seus vapores nocivos eram incômodos e fatais para a saúde. Ela treme até hoje quando se lembra, e, quando volta para visitar esse porão e ver aqueles que ainda se encontram lá, homens e mulheres de todas as idades dormindo naquelas tábuas úmidas como se fossem animais, com um pouco de palha como colchão e um cobertor, ela imagina as dores reumáticas, as febres e as paralisias que torcem os membros e devastam o corpo de seus colegas escravos. Ainda assim, Sojourney não atribui essa crueldade, já que, com certeza,

por OLIVE GILBERT

isso é crueldade, esse descaso com a saúde e com o conforto de qualquer ser ao dono deles, que tinha o hábito herdado entre os senhores de esperar obediência voluntária e inteligente do escravo, porque ele é um HOMEM, ao mesmo tempo que todo esse sistema fazia de tudo para destruir o último vestígio de humanidade que havia dentro dele. Quando esta havia sido destruída, eram-lhe negados os confortos da vida aos quais ele tinha direito, mas esses não eram de seu conhecimento porque ele era considerado como um animal.



Seus irmãos e irmãs

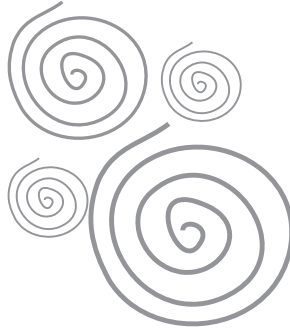
O pai de Isabella era muito alto e magro quando jovem, o que lhe fez receber o apelido de Bomefree, palavra do baixo saxão holandês que significa árvore. Pelo menos, era dessa maneira que Sojourner o chamava, e ele sempre atendeu por esse nome. O nome mais familiar de sua mãe era Mau-Mau Bett. Ela era a mãe de pelo menos dez a doze crianças. Apesar de Sojourner não fazer ideia de quantos irmãos e irmãs tinha, o fato de ser a mais nova a salvou; todos os outros, os mais velhos inclusive, haviam sido vendidos antes que ela pudesse se lembrar deles. Ela teve sorte por ter conseguido manter por perto seis de seus irmãos enquanto ainda era escrava.

Dos dois irmãos que nasceram antes dela, um menino de 5 anos e uma menina de 3, que haviam sido vendidos quando ela era um bebê, Sojourner ouvia falar bastante e desejava que todos que acreditavam naquela crença estúpida de que pais escravos não tinham amor por seus filhos pudessem ter ouvido, como ela costumava ouvir Bomefree e Mau-Mau Bett naquele porão pouco iluminado, sentados por horas, contando cada lembrança bonita e também cada circunstância

por OLIVE GILBERT

angustiante que lhes vinha à memória, as histórias daquelas amadas crianças que tinham ido embora, que haviam sido roubadas deles e por quem seu coração continuava sangrando. Entre todas as histórias, eles se lembravam de como o pequeno, na última manhã com os pais, havia acordado com o canto dos pássaros, acendido uma fogueira, chamando a sua Mau-Mau, porque já estava tudo pronto para ela, sem nem imaginar que a dolorosa separação havia chegado. Seus pais, embora pressentissem que alguma coisa ruim estivesse para acontecer, ainda não acreditavam. Havia neve no chão nessa hora e um grande trenó antigo foi visto com alegria pelo inocente menino chegando à porta da casa do falecido coronel Ardinburgh. Mas, quando ele foi pego e levado ao trenó e viu que sua irmãzinha estava sendo trancada em uma caixa ali também, o menino percebeu a real intenção daquelas pessoas, e, como um cervo assustado, pulou do trenó e correu em direção a sua casa, se escondendo embaixo de uma cama. Contudo, ela não o protegeu. Ele foi recolocado no trenó e separado para sempre daqueles que haviam sido escolhidos por Deus para serem seus guardiões, a quem ele deveria, em seus últimos anos, proteger. Mas eu não comento situações desse tipo porque o coração de cada pai escravo conhece muito bem essa dor e cada coração sentirá essa dor como se fosse sua.

Aqueles que não são pais chegarão a conclusões baseadas naquilo que conhecem e no que só vivenciaram na filantropia: essas pessoas, iluminadas pela razão e pela revelação, também são infalíveis.



Sua educação religiosa

Isabella e Peter, seu irmão mais novo, continuaram com seus pais, mas sendo propriedade legal de Charles Ardinburgh até a sua morte, quando Isabella tinha quase 9 anos.

Depois disso, ela quase sempre era surpreendida pelo choro de sua mãe. Em sua inocência, ela lhe perguntava:

– Mau-Mau, por que está chorando?

A mãe lhe respondia:

– Ah, minha filha, estou pensando em seus irmãos e irmãs que foram levados para longe de mim.

E continuava falando sobre cada uma das crianças. Mas Isabella logo chegou à conclusão de que aquele era o destino de seus irmãos, e que sua mãe entendia muito bem, mesmo naquela época, que reviver aquelas memórias do passado só fazia o seu coração sangrar novamente.

No final da tarde, quando sua mãe terminava de trabalhar, ela se sentava sob aquele céu estrelado e chamava seus filhos, conversava com eles e pedia proteção ao único Ser que podia, de fato, protegê-los. Seus ensinamentos eram dados em baixo saxão holandês, seu único idioma, e, traduzidos para o português, eram mais ou menos dessa forma:

por OLIVE GILBERT

– Minhas crianças, há um Deus que ouve e cuida de vocês.
– Um Deus, Mau-Mau! Onde Ele mora? – perguntavam as crianças.
– Ele mora no céu – respondia ela. – E quando vocês são surrados, ou tratados com crueldade, ou se metem em problemas, devem pedir ajuda a Ele, e Ele sempre os ouvirá e os ajudará.

Ela os ensinou a se ajoelharem e a rezar o Pai-Nosso. Ela os ensinou também a não mentir e não roubar e a sempre obedecer a seus donos.

Às vezes, se sentia desolada e deixava escapar um lamento no idioma do salmista.

– Ah, Senhor, até quando? Ah, Senhor, até quando?

E à pergunta de Isabella:

– O que a aflige, Mau-Mau?

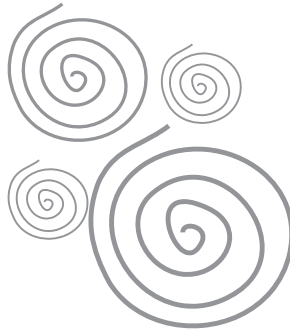
Sua resposta era apenas:

– Ah, um bom negócio me aflige. O suficiente me aflige.

Em seguida, novamente, ela apontava para as estrelas, e dizia, em seu idioma peculiar:

– Essas são as mesmas estrelas e a mesma Lua que cuidam dos seus irmãos e irmãs, e que eles observam quando olham para elas, apesar de estarem tão longe de nós e deles.

Assim, daquela maneira, ela se esforçava para mostrar a eles o Pai Celestial, como sendo o único ser que poderia protegê-los dos perigos que corriam; ao mesmo tempo, fortalecia e iluminava os laços de amor familiar, que ela acreditava ligarem os membros espalhados de sua preciosa família. Essas lições da mãe eram valiosas e sagradas para Isabella, como poderemos ver ao longo deste livro.



O leilão

Finalmente, o dia do terrível leilão, que jamais seria esquecido, chegou, e os escravos, os cavalos e todo o gado de Charles Ardinburgh, que morrera, seriam colocados à venda e, novamente, mudariam de dono. Não só Isabella e Peter como a mãe deles estavam na lista de objetos a ser leiloados e seriam vendidos pela melhor oferta, assim como os demais animais. Mas um problema surgiu entre os herdeiros: quem ia acabar ficando com Bomefree quando mandassem a sua amada Mau-Mau Bett para longe? Ele estava ficando fraco e doente, sentia dores fortes em decorrência do reumatismo e estava deformado mais por causa da exposição e do trabalho duro do que pela idade, apesar de ser muitos anos mais velho que Mau-Mau Bett. Bomefree já não era considerado valioso, ao contrário, logo se tornaria um peso para alguém. Depois de alguma discussão, nenhum dos presentes queria o fardo de ficar com ele. Finalmente houve um consenso e os maiores beneficiários dessa resolução seriam os próprios herdeiros: ficou acordado que abririam mão de leiloar Mau-Mau Bett e ela receberia a sua liberdade, sob a condição de que tomaria conta de seu fiel James; fiel não somente a ela